MADAME SAGASTUME, ministra da Argentina—*(Quadro de Malhôa)*

N.º 308 *Lisboa, 15 de Janeiro de 1912*

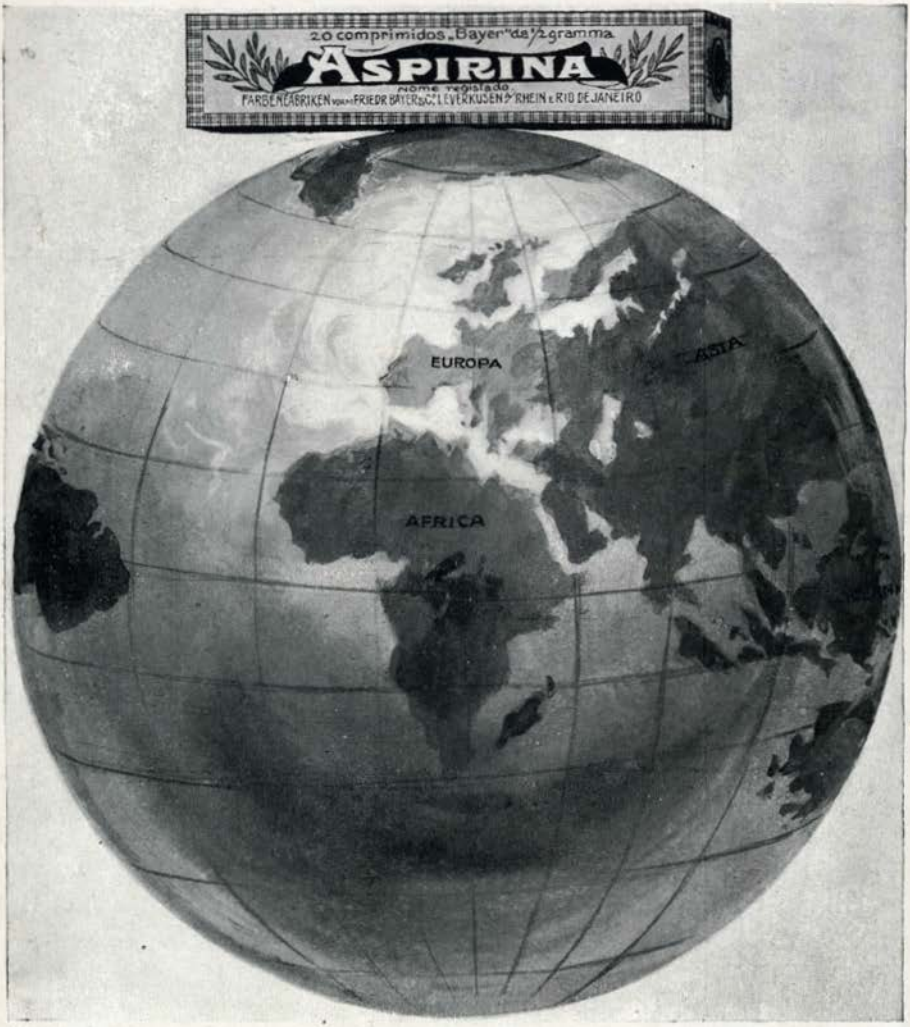
ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS PORTUGUEZAS E ESPANHA:

Ano, $800—Semestre, $400—Trimestre, $200

Illustração PORTUGUEZA

Diretor: CARLOS MALHEIRO DIAS
Propriedade de: J. J. DA SILVA GRAÇA
Editor: JOSE' JOUBERT CHAVES

Redação, Administração e Oficinas de Com... sição e Impressão: RUA DO SECULO 6...



Impondo-se pelos seus beneficos effeitos e maravilhosos resultados, dominam o mundo os

Comprimidos "Bayer" de Aspirina

provadamente efficazes nas:

DORES DE CABEÇA E DE DENTES, INFLUENZA, CONSTIPAÇÕES, RHEUMATISMO, ETC.

Como garantia de pureza exigir sempre o tubo original marcado com a

CRUZ DE BAYER

Lavadeiras do Mondego

Lavadeiras do Mondego? Quem d'elas falára agora! Opulento enche-se o rio de amplas aguas, alteia-se, distende-se e o que hontem viamos já hoje se amplia e vae encharcando os plainos da margem esquerda, inferiores ao seu leito, como se uma razoira nivelasse as aguas do Mondego. Agora cobre as plantas rasteiras, demais sobe branda, leve, temerosamente, e d'esse lado não tem peias, nem muros, nem defezas, vae progredindo, alongando-se em linguas de agua que se insinuam por entre os canaviaes espessos. E quando o rio já vem cheio e os cães se intrometem n'aqueles pégos e entreabrem as ca as, iludindo-se, afundam as patitas, e onde julgavam terreno seco sentem agua fria e em frisos tremulos vêm um focinhito contrariado...

(Clichés de João Branchi)

Quem vê o rio quando ele tenta de encher-se, quasi pensa que ele ali vae discreto, pausado, tenteadinho, mui bem acondicionado pelas duas margens. E tudo afinal é ilusorio? Porque ao braço direito o rio apenas o sustém em parte aquele paredão rijo em declive que as aguas lambem e a quem troçam subindo e escorregando logo garotos sobre ele, e sublinhando, barrando a margem esquerda lá vae um filete de verdura de metro e meio de alto, ao primeiro aspeto denso, que parece impermiavel, lembrando, se se distendesse, um longuissimo *bicho*, uma pele das que resguardam consoladoramente o colo das damas lindas.

Sobre essa cimalha de verdura erguem-se de longe em longe uns choupos esguios, lineares, tenues como similhando uma nevura despida: e lá alto um diadema, mal seguro, de folhagem.

Ora suponham espaçados foguetes de lagrimas que subissem etereos, imponderaveis: aquele suspiro pelo ar desenharia a nevura e as lagrimas que ornam elegantes quando pendem ahi ficariam a marcar nos efemeros fumos brancos uma iinda folhagem simples...

Quem de baixo olha o rio vê lá predominante um atarracado monte sobreposto e assim, quan-

do ele se avoluma, ninguem descobre d'onde as aguas correm porque o rio caprichoso se esgueira em cotovelos p'ra montante. E olhando um pequeno detalhe julgamo-lo ainda alimentado por misterio, e qua ha um Deus laborador incansavel que do alto d'esse monte recolhe as aguas das chuvas e as despede em cantaros, pelas faldas abaixo, todo o santo dia e sem descanço toda a noite.

Um cantaro é bem pouco e por isso o rio avulta ponderado, vê-se em cada trecho o recrescimo que deslisa sobre as outras aguas já correntes e parece diluir-se gota a gota pelo vasto curso, a vogar como sobre uma superficie plana.

Nos dias e noites de grossas e precipitadas chuvas, não tem mãos a medir o bom Deus e desiste: então as aguas correm sem sistema, atropelando, engrossando a corrente, escorregando das terras e turvando, engasgando, espumando em gangrena certos pontos das aguas que rumorosamente descem.

Mas agora é já um cachão poderoso, com os mesmos roucos de uma marcha *aux flambeaux*, e quem está sobre a ponte sente as aguas defrontarem os grossos pilares de pedra e marulharem ali, a encontrarem-se como que a corroer-lhes a base, para que eles se

(Clichês do sr. Gabriel Tinoco)

desraizem, e a ponte alise em catastrofe. Mas os pilares resistem duros e emquanto algumas grossas correntes d'agua persistentes se empurram ainda e esboroar a pedra, as menos audaciosas se desviam em refego e abrem largas curvas, como se abrem correntes nos cortejos *aux flambeaux* quando

(Clichés do sr. João Bianchi)

encontram outro idolo a desfeitear ou quando se depara inopinadamente uma grande carroça cheia de trastes... E assim as aguas lá seguem a unir as arcas que entreabriam e correm prestas, emparelhadas, ligeiras, rapidissimas, até que defrontam de novo a ponte sobre a qual, passando, o comboio longo marulha, acentuando estrondoso cada viga que compressa. E depois d'esta ponte as aguas de novo se amaradam e seguem então contentes, pressurosas, em fervido a celerado, a reconquistar o tempo perdido, aqui inclinam, acolá declinam, aqui se lançam denodadas, ora entre dois penachos de choupos que fulminados de sol parecem duas densas cabeleiras ruivas, — de cabelos em pé — ora a céo aberto, claro, a gosarem a planicie, ora voluptuosidade de se repastarem a fecundar as terras que as lisongeiam graciosas...

E nem regateado o rio no inverno deixa ás lavadeiras alguma restea de terreno em que pousar. N'essa margem direita, na orla junto á terra, dispostas em fila, de perna á vela, os saiotes de côr alteados, coleando-lhes a cintura aquela arrecada das saias apertadas, cada qual mui perfiladas as pernas em cada pedestal tão simples—uma pedra ou uma taboa larga—ahi se alinham dezenas de afadigadas lavadeiras. Pela rampa que subindo chega á estrada, onde os melhores talentos academicos passeiam a descansar dos trabalhos escolares, pela rampa aqui cheia de urze como um limpa-penas, ali a descoberto nas pedras mal seguras, elas vão depondo as peças de roupa lá molhadas, ensaboadas, depois bem comprimidas, espalmadas, batidas, lavadas de novo, postas de-

pois a patinhar na agua fresca que ali corre, ora em golos cobrindo os pés clarissimos, ora ardilosas a subirem atrevidas por uma perna bem talhada, em argola de guardanapo ao principio, mas logo audaciosamente lançada até onde as aguas espreitam e copiam cubiçosas...

E quanta linda lavadeiri a sorriu, os olhos n'agua, ao ver os frisos em instancias, a demoverem-lhe os pés, a instigal-a a que n'ela mergulhe um torso mais das pernas lindas que ela mostra a toda a gente. E ha mil vezes, n'um oculto e vexado sorriso das moças lavadeiras, um lindo poema em que elas são amadas e o cativo é o Mon-

dego tão namorador... E passa o rio magoado, lamentando de não ser atendido insaciado sempre, e sem razão afinal na quadra linda de Antonio Macieira, o ministro actual, sim, minhas senhoras...

Se beijas as lavadeiras
Mondego porque dás ais?
Não creio n'esas canceiras
Quando choras é por mais...

A afastar aquela tentação do rio que é mesmo um sedutor perdido, a solicitar-lhes o corpo lindo, as lindas lavadeiras, como os bébes timoratos, entoam:

Amor, não me escrevas cartas
Bem sabes que não sei ler;
Em tu sentindo saudades,
Perde um dia, vem-me ver.

E ante esta evocação ao seu Amor, o rio despeitado desce as aguas, não lhe dá onde lavar e logo a lavadeirinha, a descer um palmo mais para o atrahir—vá, seu assomado!—, sorrindo, carinhosa, dama cantante: Bemvinda, a minha pedra? E de mangas arregaçadas passando o braço pelos cabelos desfiados, sorri ainda, do atrevido rio...

Passam em cima dois estudantes, um cochinho e outro de braço ao peito, que astutos denotam este sorriso e candidamente o julgam para eles. Ha uma animada discussão. Olha, riu-se para mim... Para ti, o quê? Avaliam-se rapidamente os dotes de beleza, e logo ela, que os surpreendeu canta por desfastio:

Já tive, agora não tenho
Já tive, agora não faço
Fazer namoro a garotos
Entendo que é galinhaço...

E emquanto as roupas se açoitam nas claras pedras coalhadas de espuma alva, clarissima tinem musicaes tons lá longe que fenecem vagamente, apenas um levissimo cantar que se dilue entre a folhagem sem que consiga alcançar-se d'onde aquela toada enternecida se delineou com saudade e enlevo. Pé ante pé se transpassa o choupal e a voz recobra novo alento, mais dava agora cantante e nitida, meiga e melodiosa, a entoar com expressão. Mas engano! Na voz canta precisamente do lado oposto e agora entre as ramarias avista-se uma forma de mulher, uma rapariga nova ainda, olhos cheios de emoção, os cabelos ardentes que canta vagarosa:

ouro, em varinhas aereas de condão se despede por traz de Santa Clara, mosteiro cujas alas sucessivamente protraidas lembram um harmonium alongado. Resfria já, a ventania dá de envolta com a capa e fal-a drapejar como bandeira de seitas negras, e a propria agua escurece, já verde negro. E' a hora de levantar as roupas, e alar... Vão passando serenas, os pés sem magoar-se a pisarem areia e granulos de carvão que os comboios ali lançam. Umas feias, outras velhas, algumas lindas, mais frescas que lindas, mais alegres que frescas.

Se ouvires dizer que eu morri
Não tenhas pena, meu bem,
que a morte de um desgraçado
não causa pena a ninguem...

ou agora já alegre

Se os beijos puzessem nodoas
Como estaria o meu rôsto!
Mas beijos não põem nodoa
Quando são dados com gôsto...

a findar, tentadora:

Fui-me confessar e disse
Que não tinha amor nenhum
De penitencia me deram
Que tivesse ao menos um...

Ao menos um... E a linda rapariguita é intencional, trocista, provocativa, a fitar quem passa e a repetir encantadoramente a quadra. Ao menos um? Se ela fizesse muita escolha... Mas ao menos um, emfim, talvez contentasse um qualquer? E ha um moço que a ver, se ensaia e n'ela medita. Corre vento, a tarde declina, já o sol em vivos de

Subito, n'um cardume, destacamos uma pequena linda, o busto delicioso, o olhar quente e amoroso, uma fronte mimosa. Seguimol-a e quando acaso a conversa vae já mais interessada, mais promissora, a linda rapariga cala-se n'um instante e as companheiras são quem nos despede: Ah! é escolher outra, que esta já tem sentido no seu bem... E era a unica linda no grupo!

Coimbra, 13 de Janeiro de 1912.

MAGALHÃES COLAÇO.

A POLITICA NO BRASIL

O ESTADO DE PERNAMBUCO AOS OLHOS DO MUNDO...

No nosso numero anterior, acompanhadas de algumas breves palavras elucidativas de um distincto jornalista brazileiro de passagem em Lisboa, publicamos uma serie de fotogratias referentes á já celebre eleição do presidente do estado de Pernambuco. Esses clichés, que representam uma documentação valiosa do historico sucesso, deviam ser acompanhados de um artigo do sr. José Simões Coelho, que só agora nos chega á redação. E' este artigo que hoje inserimos.

A constituição da Republica dos Estados Unidosdo Brazil, devidindo o territorio em 21 Estados, deu-lhes autonomia propria, mas acarretou-lhes tantas e tão diversas responsabilidades, que a torna digna de ponderado estudo da parte dos que se interessam pe a evolução politica dos povos. O Brazil, grande nação por todos os motivos imposta á admiração do mundo, é o fóco das maiores aspirações. Não creio exista outro ponto da terra, onde se lute tanto p la conquista do bem estar individual, em uma perfeita integração no bem estar coletivo.

Interessando-se o Brasil pelo que se passa além Oceano, procurando adatar-se ao que melhor se praticalisa em qualquer ramo da atividade humana, é justo que á Europa seja dado o conhecimento do que portas a dentro d'este paiz encantador, se convulsiona na ancia de atingir a verdadeira perfetibilidade social.

Desde que pizei terra onde flutua o pavilhão verde e amarello, com a legenda: *Ordem e Progresso*, entrei de observar com a imparcialidade propria de um cronista estrangeiro, bizarra e fidalgamente hospitalisado, todas as fases da vida nacional.

Apenas chegado ao Pará assisti ao agonisar rapido da facção Lemos; em Manaus, a luta politica era intestina entre Nerystas e Bitencourtistas, disputando o poder com tal ancia tigrina que em breve se epilogou tragicamente; no Maranhão, a quietude oposicionista atestava e atesta a habilidade diplomatica do ilustre sr. dr. Luiz Domingues, governador do Estado; e no Ceará, a oposição á «oligarquia Accioly» ia avolumando, tornando se, talvez, uma realidade a queda de um governo que conseguiu ajuntar no Erario um saldo de 800 contos!; chego a Pernambuco, precisamente no dia em que o *Malho*, excelente semanario carióca, era vendido no Recife, provocando a gargalhada de uns, o resmungar despeitado de outros e o sorriso indiferente de muitos, porque publicava uma caricatura admiravelmente lançada, na qual eram ridicularisados os atos e a atitude do sr. dr. Rosa e Silva, chefe politico da situação governamental.

Como sua ex.ª se désse ao incomodo de viver mais tempo em Paris, de que no Estado que o vira nascer, lhe déra a posição social e as nutridas benesses, ouvi

1—General Dantas Barreto, ex-ministro da guerra, membro da Academia Brazileira de Letras, candidato do partido republicano conservador ao cargo de governador do Estado para que foi eleito
2—2.º tenente Barros Barreto, assistente do sr. general Carlos Pinto
3—Capitão José Augusto Amaral, secretario particular do sr. general Dantas Barreto
4—General José Carlos Pinto Junior, inspetor da 5.ª região militar
5—1.º tenente Aquino Correia, ajudante do general Carlos Pinto

os motejos mais amargos, apresentando-o a meus olhos como o unico alvo de todos os descontentamentos, apontado como sendo o causador das desditas de povo pernambucano. Isto foi em julho de 1911. Um dia aventou-se de que serta candidato ao cargo de governador do Estado, durante o quatrienio de 1911 a 1915, o sr. conselheiro Rosa e Silva. Foi o rastilho... Se até esse dia as queixas se faziam ouvir, d'aí por diante, não houve mais rebuços e inaugurou-se a politica de repulsa popular contra a candidatura Rosista Imediatamente encetou trabalhos o Diretorio do Partido Republicano Conservador. Após deliberações de execução imediata, o dr. Ribeiro de Brito, abalisado clinico da capital e um dos politicos de mais tino, lançou a idéa fecundissima de ser convidado o sr general Dantas Barreto a aceitar a candidatura do partido. Sua ex.ª era ministro da guerra, mas havia n'ele um sentimento que sobrelevava todos os outros: era pernambucano; aceitou com alvoroço o honroso convite, e dispoz-se a defender a todo o transe os seus direitos de cidadão brazileiro, A «boa nova» chegada a Pernambuco, extremou campos e fações, Começaram as lutas, as perseguições, os insultos, as insidias a quem tivesse a hombridade de se declarar Dantista!

Assisti ao inicio da propaganda eleitoral. Em principios de agosto, fez-se ouvir o nome de Dantas Barreto, pela primeira vez, em um *meeting* em Jaboatão (cidade do interior do Estado). Repercutiu-se a agitação. Depois, na capital, os *meetings* na Praça da Independencia, realisaram-se quasi todos os dias com grande assistencia. Eram oradores os academicos de Direito, que de seguida formaram o Centro Academico Pró-Dantas. Estes estudantes foram sempre de uma grande abnegação partidaria, salientando-se o seu papel ingrato de defensores de uma causa, que eles proprios, julgaram inviavel, dado o poderio autoritario do chefe da situação politica. Então, deu-se o caso singular de as candidaturas dividirem a mocidade estudiosa, pois, alguns estudantes fundaram o Centro Academico Rosa e Silva, d'entre os quaes se salientavam, como defensores da administração hereditariamente odiada, os academicos João Domingues, João Demetrio e Benedito Costa. Sabido era que após um *meeting*, a dissenção apaixonava os espiritos, deixando-os á mercê dos impetos naturaes. Todas as classes se agitavam. O comercio não ficou indiferente: formou a Liga Comercial Pró-Dantas. As adesões choviam... Aparecia Dantista muita creatura até então indiferente ou desiludida com o resurgimento moral da terra que lhe fôra berço. Então, voltaram á liça das argumentações as saudosas memorias dos ilustres drs. Martins Junior e José Maria,—o primeiro como o maior trabalhador da propaganda do sistema republicano em Pernambuco, ideal que viu realisado e justificado; o segundo, como o maior dos jornalistas, defensor estrenuo do

1—Dr. Rodolfo Gomes Filho, membro do Diretorio do Partido Republicano Conservador e redator chefe do *Pernambuco* 2—Dr. Lourenço de Sá, presidente do Diretorio do Partido Republicano Conservador 3—Coronel Sebastião Alves, presidente da Liga Comercial Pró-Dantas
4—Dr. Artur Orlando, ex-redator-chefe do *Diario de Pernambuco*, ilustre homem de letras e cientista, autor de varias obras de grande valor sociologico 5—Dr. Martins Junior, ilustre pernambucano falecido em 1904. Parlamentar, jurisconsulto, lente de Direito, poeta, cientista e escritor
6—José dos Santos Araujo 7—Artur de Sá Cavalcanti, de Albuquerque 8—Elpidio Martins
9—Olivio da Costa Alecrim, membro da Liga Comercial Pró-Dantas

povo da sua terra, batendo-se por ele, morrendo assassinado durante um pleito eleitoral no dia 4 de março de 1895, ás ordens do governo do sr. dr. Barbosa Lima. Os nomes e feitos d'esses dois procéres da politica oposicionista eram lembrados a cada momento como modelos de dedicação partidaria e extremosos defensores da causa do povo, da consolidação da Republica. A luta que se estava travando era das que foram previstas por Martins Junior, como muito bem o acentuou o dr. Ribeiro de Brito, discursando junto do tumulo do grande morto:—«Tu eras tão grande—heroe—tanta confiança nos inspiravas—filho dileto de Pernambuco—que conseguiste, só e sómente por teus meritos e norte politico, processar um chefe de governo. Com isto, tu estavas trabalhando para consolidar a Republica que havias sonhado e a que tão bem serviste com generosidade, amor e sacrificios. Essa campanha continuaste na Camara dos Deputados Federaes, pedindo a interpretação do artigo 6 da Constituição, porque—cerebração superior!—previas que o regimen federativo sem um freio, sem um corretivo, ao poder discrecionario dos governadores, reduziria este paiz ao estado em que se acha hoje politicamente reduzido a tantos feudos quantas as circumscrições politicas. O correr dos tempos e a marcha dos desgovernos, quer federal, quer estadoaes, trouxeram-te a convicção de que os moldes da Constituição Federal, mal interpretados, não podiam fazer a felicidade do povo brazileiro e então lançaste á meditação dos teus compatriotas, o programa da revisão, hoje, se póde dizer, aspiração nacional.»

Tem sido na verdade «o poder discrecionario dos governadores» que ha creado dentro da Republica essa avalanche de descontentes e rebeldes. Foi o espirito feudal da fação Rosa e Silva que robusteceu durante quatorze anos o espirito de libertação do povo pernambucano. A maior censura d'este povo para o sr. conselheiro Rosa e Silva está

1—Afonso de Brito Taborda, membro da Liga Comercial Pró-Dantas 2—A direção do Centro Academico Pró-Dantas 3—Antonio Jovino da Fonseca, membro da Liga Comercial Pró-Dantas
4—Dr. Lydio Gomes, redator do *Pernambuco*
5—Dr. Manuel Caetano d'Albuquerque e Melo, redator-chefe do jornal neutro *A Provincia*
6—Dr. João Eustaquio Pereira, consul da Bolivia, socio da Sociedade de Geografia e da Associação dos Advogados de Lisboa

na centralisação de poderes que ele foi preparando, quer inutilisando o Diretorio do Partido, quer fazendo obstrucionismo a qualquer tentativa de perfeição para o Estado que lhe deu razão de ser. Está, pois, justificado o grito unanime do povo, ao ser aventado o nome de quem até, então, não lhe ligára a menor importancia...

Manuseei os jornaes e brochuras de anos volvidos. Eles me deram a impressão de epocas agitadas, prenhes de comoção, todavia sem uma orientação definida a perfilhar, porque lhes faltou, a palavra facil, a eloquencia persuasiva, a diretriz justa, precisa e irrefragavel. Esses predicados indispensaveis foram-se com a perda dos dois intemeratos batalhadores... Aproveitando a confusão, o desvairamento, o desiquilibrio provocados pelo assas-

1—Muros barricados levantados pela policia defronte do tesouro do Estado 2—O «meeting» promovido pelo dr. Trajano Chacon na tarde de 17 de outubro 3—Trincheira levantada pelo batalhão de vendedores de jornaes, o «34 descalço», na Gamboa, de onde o povo fazia fogo sobre o palacio

sinio do sr. José Maria, foi, então, que o grupo chefiado pelo sr. conselheiro Rosa e Silva, começou a crear raizes fundas e tentaculares por todo o Estado a tal ponto que sómente o chefe predominava, esbulhando, aos poucos, as ramificaçõs que se opozessem aos manejos de engrenagem eleitoral, deixando-a livre de peias oposicionistas, azeitando-a consoante as prescrições do momento, as veleidades e perfidias do barometro politico, marcando sua ex.ª alfim a sonhada trajetoria:—«*Pernambuco sou eu*»— parodiando o celebre aranco metafisico de Luiz XIV:—«*L'Etat c'est moi!*»...

Obedecendo a um plano de estrategia politica, logo nos primeiros dias de setembro, o sr. dr. Herculano Bandeira, renunciou o cargo de Governador do Estado. Competia ao sr. senador Antonio Pernambuco, Presidente do Senado, segundo § 1.º do Art. 48 da Constituição do Esta-

A propaganda generalisou-se tanto na capital como em todo o interior do Estado. Começou então o ataque pessoal. Quem não fosse agradavel á facção governista, por se ter tornado suspeito de Dantismo, era amesquinhado pelas colunas do *Diario de Pernambuco*, entran-

do, mas como ainda por conveniencia politica, Sua Ex.ª alegasse doença, coube ao sr. dr. Estacio Coimbra, como Presidente da Camara dos Deputados Estadoal, ser nomeado para o cargo de Governador, do qual tomou posse a 6 de setembro, no meio da maior indiferença popular. Devido a este desdobramento de intenções governistas, a oposição redobrou seus esforços.

3—Predio n.º 17 da rua da Imperatriz, de onde a policia fez fogo sobre o povo. Este respondeu, atirando sobre o predio, o que danificou bastante a propriedade contigua, onde se acham instalados os escriptorios do diario *A Provincia*

1 — Entrada do povo no quartel do 2.º batalhão de policia, depois de um tiroteio que durou horas
2 — O batalhão patriotico Pró-Dantas, esperando o presidente no dia 12 de dezembro

do-se-lhe pela vida particular á mingua de defeitos publicos! Acirraram-se os odios. Todas as classes sociaes se dividiram. Foi n'esta tensão de nervos coletiva, que se realisou na tarde 19 de setembro um *meeting* que ficou memoravel. A Praça da Independencia regorgitava. A

1—Quartel do 1.º batalhão de policia, no bairro de Santo Antonio onde alguns soldados deram vivas ao general Dantas Barreto

reunião fôra convocada pelo Centro Academico Rosa e Silva. Quando o academico Benedito Costa, tentava apregoar os meritos e outras manifestações correlativas dos talentos politicos do seu patrono, o povo assuou o fortemente. O orador enrouquecia... Ruborisava-se... A multidão pedia que um orador da oposição fizesse uso da palavra Vivas e morras ensurdeciam todos. Já ninguem se entendia, quando alguns mais exaltados se envolveram em desordem. O sr. dr. Ulysses Costa, chefe da policia, assistia. Mais um dito agresivo d'aqui, mais uma insinuação d'acolá, e eis que de repente duas bengalas se cruzaram defendendo-se... Eram as do chefe de policia e do sr. coronel Sebastião Alves. Depois, é sabido, todos procuraram *molhar a sopa*... Da refrega saíram feridos ambos as contendores. Um tiro de revo'ver detonou.

Esse *meeting* foi verdadeiramente o inicio do grande periodo de agitação que se seguiria sem treguas. Não mais houve socego em ambos os arraiaes politicos. Reavivou-se o odio á policia. Principiaram os conflitos parciaes. Um *Viva Dantas Barreto*, era a suficiente recomendação para se ser agredido. Começou de respirar-se em uma atmosfera de mal estar. Escreviam-se os artigos mais violentos. Faziam-se ouvir e eram condicionalmente simpatisados os oradores da oposição, taes como os srs. drs. Ribeiro de Brito, Trajano Chacon, Bezena Leite, Barreto, Renato Phaelante, Gaspar Uchôa, Cavalcanti Lima, Carlos Cardoso e outros de sinceridade equivalente á sua desmedida coragem civica. Em fins de setembro a valorosa Liga Comercial Pró-Dantas, promoveu um *meeting* que, para melhor garantia, se realisou na explanada vastissima da fortaleza do Brum. Orou o sr. dr. José Vicente, um simpatico ancião, lente catedratico da Faculdade de Direito do Recife. Foi ele quem melhor orientou o povo sob as condições do sufragio a pleitear-se. Houve um entusiasmo indescritivel. No fim alguem aventou irem todos a casa do sr. general inspetor Carlos Pinto, que havia pouco fôra nomeado para cargo tão espinhoso, mas que se tornára crédor das simpatias geraes, devido ao seu espirito transigente e conciliador. Excelentemente recebida a idéa, tive ocasião de admirar a cordura e boa ordem com que 10:000 pessoas atravessaram as primeiras arterias da capital, vivando os amigos do povo. Foi esta a primeira revista de forças populares que desfilou impávida, altiva e sobranceira, perante os olhos incredulos do Rosismo... A policia, embalada, nos quarteis, esperava que um sinal de clarim a empurrasse para o morticinio.

2—Assalto a uma outra casa de jogo do mesmo senador, aonde o povo foi em sua busca

3—Restos de uma trincheira levantada na rua Nova, por detraz da egreja de Santo Antonio, pelo «34 descalço»

(Continúa).

José Simões Coelho.

UMA DANSARINA DE GENIO

ISADORA DUNCAN

Isadora Duncan, a celebre dansarina americana, acaba de maravilhar mais uma vez o publico de Paris. As suas "matinées" no Chatelet foram novos triunfos para a extraordinaria artista e para as alunas da sua escola de dansa, que a acompanham já em alguns numeros dos seus programas. Na ante-vespera da recita de despedida, Isadora ofereceu um chá, na sua casa dos arredores de Paris, a alguns seus admiradores em evidencia no meio artistico e literario da grande capital. E' a essa interessante festa intima que se refere o artigo que, acompanhando os poucos retratos existentes da grande dansarina (Isadora é uma fotofoba implacavel) a "Ilustração Portugueza" hoje offerece aos seus leitores.

1—Isadora Duncan 2—Alguns aspetos das dansas d'Isadora

...Quando cheguei a Neuilly era já noite. Junto n'uma porta de jardim estavam alguns automoveis. Era ali. Atravessei na escuridão a curto espaço que separava essa porta da entrada d'uma casa que exteriormente tinha um banalissimo aspeto de armazem. Dentro, era comtudo o *atelier* de Isadora Duncan: um grande salão, muito alto, com as paredes inteiramente revestidas de estofos cinzentos ou côr de barro que tombavam em pregas sobre o tapete. A luz vinha de cima, coada por paraventos e vidros fôscos. No canto mais escondido, perto da porta, uma meza onde se servia o chá; de redor d'ella, e ao longo da parede encostada á escada que conduzia a uma galeria, alguns *divans, fauteuil* tamboretes, um piano e um grupo de homens e mulheres que, no primeiro momento, não era facil distinguir n'aquela mysteriosa luz crepuscular. Estavam ali escritores, musicos, comediantes, homens do mundo: Richepin, Gervex, Chermoy, autor do monumento a Beetoven que vae erguer-se no bosque de Vincennes, os jornalistas Galtier, Maurice Verne, Albert Flament e alguns outros, Rene Boylesve, mesdames Georgette Lebanc e Madeleine

Lemaire, o senador d'Estournelles de Constant, e entre todos, fazendo as honras da casa, Isadora Duncan, com os pés nus, envolta em gases brancas que uma tunica de veludo barro e oiro protegia.

E' uma creatura alta e loira, d'uma elegancia que tem um pouco dos tipos de beleza que os antigos perpetuaram no marmore das suas divindades: os flancos amplos, o busto ereto, os hombros um pouco mais descaiados que os da Venus de Milo e tanto como os de certas inglezas lindas das telas de Turner. E' uma beleza extranha (se beleza é mesmo licito chamar-lhe) que os traços irregulares do rôsto mais ainda acentuam, que não tem nada de pariziense e muito menos de meridional, mas, que, tal como é, nos aparece como um instrumento maravilhoso da sua arte. A dansa d'essa mulher, tão singelamente exibida aos nossos olhos surprezos, n'um cenario monocromo, a uma indecisa luz de sonho, emociona-nos, d'uma emoção d'arte muito pura e muito casta, embora nol-a transmita aquilo que não hesito em chamar o poder expressivo dos seus maravilhosos pés descalços e das suas lindas pernas nuas. Um escritor francez disse um dia que, ao vêl-a, *a gente tem vontade de ser pôr de joelhos orando, e tem tambem vontade de chorar*... E é maravilhoso, não é verdade?, que isso se consiga dansando, nada mais do que dansando, pela harmonia da atitude, pela melodia do gesto, por essa força mysteriosa e admiravel que Rodin, falando d'ela, não hesitou em chamar—o Genio. Não importa a obra musical que ella interprete, seja a *Ifigenia* ou o *Orfeu* de Gluck, sejam as valsas de Chopin ou de Schubert, seja mesmo, apezar de todos as dificuldades de exibição por uma só *danseuse*, a bacanal do *Tanhauser:* sempre a sua arte suprema nos domina e nos transporta não sei se para a velha Grecia como uns dizem, mas em todo o caso, para um mundo infinitamente mais belo que o mundo banal em que vivemos. Chama-se a isso evocação? Não sei. Mas evidentemente se lhe deve chamar Arte, com o maior dos A—Arte divina, Arte suprema,—abstraindo do vocabulo eleito todas as maculas que lhe pode ter deixado o mau uso que em geral fazemos d'ele.

... Quando a grande artista disse que ia revelarnos os principios da sua arte e do seu metodo, todos nós estavamos já inteiramente convencidos de que essa arte era a mais bela e esse metodo o melhor. O ambiente entrara dentro de nós e envolvera o nosso espirito. Viviamos um sonho de peregrino encanto a que nos transportara, só com a sua presença, aquela mulher de pés nus, movendo-se lenta e graciosa, n'um cenario de nevoa, a uma luz vaga de misterio. Nenhum de nós falava alto, com no receio perturbar a serena magestade d'aquele templo pagão.

—Toda a dansa—dizia ela, devagar, no seu francez de *yankee*—não é mais que a combinação de trez movimentos: a marcha ritmica, a corrida ritmica e o salto ri-

Isadora Duncan e as suas discipulas

Isadora Duncan, a dansarina dos pés nús

timico. Comtudo é dificilimo realizar bem qualquer d'esses movimentos. Para o conseguir das minhas discipulas trabalho ha cinco annos:

Isadora faz um gesto e as discipulas vem. São onze raparigas alemãs, em geral robustas e d'uma beleza que no primeiro aspeto nos não encanta, Vem nuas, sob as brancas e curtas tunicas, como as dos efebos romanos. Ouve-se o piano: e elas marcham, umas após outras, e correm depois, e depois saltam, e logo as suas figuras, primeiro banaes, se transformam, e logo a magia dos seus gestos de estatuaria nos seduz, e logo aquele cenario todo se anima e a gente surpreende-se pensando não sei se n'algum precioso baixo relevo de vaso grego se nos frescos de Puvis de Chavannes em que as figuras parecem ir desprender-se da terra

1—A expressão de Isadora (Cliché Berger)
2—Isadora Duncan por Gir

e a natureza é leve como espuma.

—A dansa—continua Isadora—tem por fim exprimir os sentimentos mais nobres e mais profundos da alma humana, aqueles que nos vem da Grecia antiga. Ela serve para estabelecer a harmonia na nossa vida. Assim o compreendiam os antigos. Platão dansava, bem como os generaes das republicas e eu creio ser isso que punha nos seus pensamentos a graça e o equilibrio que os imortalizou. Todos os nossos gestos tem, por assim dizer a sua repercussão na nossa alma; não ha estado moral que um gesto não exprima. Um simples movimento da cabeça para traz, feito com paixão, produz em todo o nosso ser um estremecimento de alegria, de audacia ou de desejo. Todo aquele que dansa deve manter-se sempre em relações intimas e constantes com as creações da arte e da natureza. Todo o movimento que se possa dansar á beira do mar, sem que seja em harmonia com o ritmo das vagas, todo o movimento que se possa dansar no meio d'uma floresta sem que seja em harmonia com o baloiçar das folhas, são, como tantos outros, movimentos falsos, porque destoam no meio das grandes linhas naturaes. E' por isso que a dansarina deve escolher os movimentos que exprimem aquilo que nas coisas vivas existe: a força, a graça, a saude, a nobreza. E todo o meu ideal seria, desenvolvendo esta minha escola e creando outras, poder amanhã fornecer os modelos, por assim dizer conscientes, modelos vivos e preciosos, aos artistas que m'os viessem pedir... As raparigas dansam. Depois, uma a uma, saltam a corda; mas saltam-na, braços erguidos, n'um movimento tão ritmado e tão belo, com um *elan* de tal modo soberbo, que a gente tem a impressão de que elas vão erguer-se n'um vôo, soltando ao vento as suas tunicas brancas. Por fim é a filha de Isadora, um bébésinho loiro e tão branco que se diria feito de fina porcelana, que vem sobre o tapete mostrar-nos a já maravilhosa harmonia dos seus gestos, dos seus passos e das suas atitudes...

—Quando eu digo estas coisas em França—continua a dansarina com um sorriso de ironia triste—dizem que são utopias.

Detem-se um momento, como seguindo enleada o proprio sonho e diz-nos por fim, olhando-nos a medo como se receiasse o acolhimonto trocista do nosso ceticismo:

—Poder-se-ia crear toda uma nova raça!

E eu pensei então no irmão d'essa Isadora, nascido na America como ela, mas vivendo em Atenas, casado com uma grega passeando ha anos, em pleno Paris, envolto n'uma tunica, os pés em sandalias, a cabeça coroada de flores. E pensei na propria Isadora dansando... Apostolos d'uma nova fé, creaturas em quem, por um extranho atavismo, a alma dos helades renasce florescente, eles querem erguer estes pobres civilizados ás supremas belezas do seu sonho pagão. Tem ideal demais e querem repartil-o. Mas, para que aquelas raparigas encantadoras que eu vi dansando em Neuilly pudessem ser outras tantas Isadoras, seria preciso que a grande artista lhes ensinasse, não só as marchas, as corridas e os saltos, mas a coisa que Rodin justamente viu n'ela, que se chama o Genio e que em escola alguma do mundo se ensinou jamais...

PARIS, DEZEMBRO DE 1911

Paulo Osorio

A Exposição de Pintura ao Ar livre

1—«No Almonda» quadro de Carlos Reis
2—«Fim do dia»

No Salão Bobone está instalada a exposição de pintura ao Ar Livre que todos os anos se realisa e na qual apresentam os seus trabalhos os discipulos do ilustre pintor Carlos Reis, um dos mais distintos artistas portuguezes O chefe do Estado visitou ha dias essa exposição louvands os progressos dos ex-alunos do professor de paisagem da nossa Academia de Belas Artes comprando a tela do sr. Carlos Reis intitulada *No Almonda* e que é na verdade um magnifico trecho do formoso rio d'aguas claras e margens verdejantes

3— «Serviço matinal» 4—«Rapariga, chapéu e ceirões»

(Clichés de Benoliel

Pelo Teatro

"AS NOSSAS AMANTES" DE AUGUSTO DE CASTRO, NO TEATRO DA REPUBLICA

A peça *As nossas amantes* é, como todas as do seu autor, Augusto de Castro, um estudo social do nosso meio. São sempre bem tratadas as figuras a que o escritor dá vida, por vezes audaciosas as cenas onde rasga fundo, pretendendo e conseguindo um teatro realmente com o seu cunho.

Augusto de astro

D'esta vez trata-se d'um homem que buscando um repouso no casamento, ele, desiludido, farto da existencia ôca da sociedade que levou, encontra na esposa, ignorante de todas essas coisas, um desejo louco de as conhecer e d'aí o conflito do seu lar.

Como se vê é uma interessante tese, que foi desenvolvida com arte e com arte representada em festa artistica da ilustre atriz Adelina Abranches, no teatro da Republica.

2—Cena do 3.º ato: Adelina e Brazão
3—Brazão, Chaby, Alves e Adelina
(Clichés de Benoliel)

UM CAMINHO DE FERRO MILITAR

1—O comboio militar na linha de Berlim—Jueteberg
2—Uma estação da linha ferrea militar

A Alemanha é cada vez mais um paiz militar. Os seus grandes vultos são os militares e os professores, tendo, todavia, estes—

Um fiscal de estação

como todos os seus compatriotas—passado pelas fileiras. Mesmo fóra da sua patria o germanico tem um ar disciplinado. Houve já quem escrevesse que Berlim é a caserna central da Alemanha.

Com efeito em todas as manifestações da vida d'este povo, que desde 1870 parece ter a supremacia das armas na Europa, ha alguma coisa de militarista sempre. O oficial é o ser mais respeitado de toda a Germania, sendo tambem terriveis as suas responsabilidades. O sonho germanico é o dominio pela força dos canhões aliada á da sciencia.

Actualmente constroe linhas de caminho de ferro de grande importancia e entrega-as á autoridade militar, exercitando assim d'uma maneira completa os seus homens e ligando as suas

fortalezas e as suas fortificações por caminhos de ferro, onde apenas os militares teem a sua decisiva ação.

Assim é a linha de Berlim-Juteberg a qual é especialmente destinada a iniciar as tropas de engenharia em todos os serviços do caminho de ferro. Os militares são fogueiros e maquinistas, guardas-freios e revisores, chefes de gare e guardas de linha, conforme as suas patentes e as suas aptidões.

D'este modo, n'um dado momento, a Alemanha, se os socialistas das companhias de caminhos de ferro quizerem fazer a gréve geral, recorrerá aos seus soldados e não deixará, graças aos militares, de circular um unico comboio no imperio.

1—O sargento encarregado do comboio 2—O revisor
3—O guarda-barreira 4—O fogueiro

Estrelas de Paris

Y VONNE DE BRAY

1—Ivonne de Bray, na peça «Trains de luxe» (Cliché Reutlinger)
2—A artista em villegiatura

Os senhores sabem o que é a moderna comedia franceza, que os teatros de todo o mundo aplaudem e que o sr. visconde de S. Luiz Braga serve, anual e gentilmente, ao publico da nossa terra. E' a comedia leve, que uma critica austera desfaria n'um sopro, mas que n'essa mesma leveza encerra o segredo da sua sedução. Procura menos comover que encantar; foge dos profundos problemas tratados em severas teses sobre as quaes o publico decididamente o publico não quer filosofar; evita pôr em cena gente mal vestida; e raro aquele dos seus personagens que não tem ou finge ter os 200:000 francos de renda que, segundo Mirbeau, mr. Bourget exige no transitorio envolucro das almas que o interessam. Se acaso aborda uma grave questão, fal-o ao de leve ainda tocando-lhe só a epiderme com a polpa dos dedos finos. E tudo isto com bonhomia, um pouco de ceticismo risonho, discreto, polidamente mundano, e, sobretudo, a graça, a graça franceza, viva, elegante, irrequieta, arranhando por vezes, mas como as unhas d'uma mulher bonita, de quando em quando ferindo, mas como ferem os espinhos das rosas.

O *Papá*, de MM. Caillavet e Flers, que foi o maior sucesso parisiense da ultima meia duzia d'anos, era n'esse genero. Certas peças de mr.

Capus são-no tambem: d'aí o seu exito, d'aí o seu triunfo. Não esqueçamos comtudo que essas obras exigem, mais que quaesquer outras, um cenario proprio, um mobiliario para o qual as reservas habituaes dos bastidores geralmente não bastam, e uma interpretação que não pede, que inteiramente dispensa, arroubos de genio, mas que impõe antes um admiravel apuro, uma egualdade perfeita, um rigoroso equilibrio, que não se póde hoje conseguir nos nossos palcos (porque em Portugal os poucos bons elementos teatraes andam dispersos) e que nem mesmo o nosso publico poderá encontrar nas improvisadas *troupes* e *tournées*.

1 e 2—Yvonne de Bray em férias, na sua propriedade d'Ande

As figuras de mulher d'esse teatro exigem qualidades especiaes na atriz que as interprete. E' bom o talento, mas o talento não basta; é excelente a formosura, mas, só com ela, o sucesso não será indubitavel. Esses tipos de mulheres são vulgares mas não são simples, porque a parisiense d'hoje, que quasi sempre eles exprimem, é uma figura complexa que a civilisação, o snobismo, o vicio, a vaidade, a ambição e a nevrose se reuniram ou, melhor dizendo, se conluiaram para formar...

Pois bem! Depois de vêr os *Trains de luxe*. depois de vêr o *Papá*, depois de vêr *L'acord parfait*, agora em pleno exito no Femina, se eu pudesse escolher uma embaixatriz da Arte para ir ai dizer-lhes o que é essa mulher estranha, como se veste, como se enfeita, como se pinta, como sorri, como pensa, como ama, como encanta, e como sabe adoravelmente mentir, mostrar-lhes, tal como é; essa creatura um pouco desconcertante, um pouco misteriosa, que a gente não sabe se é anjo ou se é demonio, ou se é emfim um pobre ser banal que a embriaguez d'um meio deformou— mandar-lhes-ia, com todos os cuidados que demanda uma remessa tão preciosa, mademoisele Yvonne de Bray.

3—Yvonne de Bray (Cliché Henri Manuel)

4—Yvonne de Bray na peça «Papá»

VISITA DO MINISTRO DA MARINHA AO QUARTEL DE MARINHEIROS

O ministro da Marinha visitou o quartel de marinheiros, em 6 de janeiro, manifestando diante da officialidade e praças, a sua satisfação pela fórma porque encontrára todas as dependencias do edificio que foram minuciosamente percorridas.

Ás praças que estavam sofrendo castigos disciplinares foram mandadas pôr em liberdade comemorando-se assim a visita do sr. dr. Celestino d'Almeida.

1—A chegada do sr. Ministro da Marinha á parada do quartel
2—A guarda de honra formada na parada commandada pelo 1.º tenente sr. Fernando Rego
3—Depois do discurso do sr. dr. Celestino d'Almeida o comandante sr. Parreira levantou um viva a Republica (Clichés de Benoliel)

FIGURAS E FACTOS

O cincoentenario do Asilo de S. Pedro em Alcantara.—O Asilo de S. Pedro em Alcantara foi fundado ha cincoenta annos por Martinho Tenreiro, visto n'aquele populoso bairro operario existir apenas uma escola, a das Necessidades, aberta por iniciativa de D. Pedro V. D'então até agora muito util tem sido aquela obra á qual diversos individuos, hoje bem colocados, devem a sua primitiva educação.

Em 7 de janeiro houve uma sessão solene comemorativa na séde d'essa instituição na qual discursaram, além do governador civil do distrito, os srs. Borges Grainha e Elias Martins, fazendo se depois a distribuição dos premio aos estudantes mais aplicados e que constaram de varios artigos de vestuario, além d'um de seis e outro de cinco mil réis.

1—O edificio da Escola Asilo de S. Pedro em Alcantara 2—O almoço aos asilados 3—A direção do Asilo e creanças com o novo fardamento

O chefe do Estado e os membros do ministerio enviaram as suas saudações á direção do Asilo.

A direção do Instituto Ferro-Viario

O instituto ferro-viario.—Crearam os empregados ferro-viarios um instituto para a educação dos seus filhos, destinando-os, sobretudo, aos diversos misteres ferro-viarios, o que, sendo uma louvavel iniciativa, é na realidade uma pratica forma de os fazer angariar os meios de subsistencia.

Solicitar-se-ha da Companhia que prefira a estranhos os educandos do Instituto que se vae instalar em bases magnificas e dirigido por excelentes professores.

Em Coimbra, no Entroncamento e naturalmente n'outras localidades onde haja grande numero de ferro-viarios, abrir-se-hão sucursaes d'esta instituição.

Dispensario de Santa Izabel.—Ha sete anos que se fundou o dispensario de Santa Izabel, o qual foi frequentado no ano passado por 693 creanças observadas em 2552 consultas e as quaes receberam 4:580 litros de leite. Foram distribuidos premios ás mães das seis mais robustas creanças tratadas pelo dispensario e a mais 48 neces itados roupas e senhas das cosinhas economicas.

A' sessão solene comemorativa, que ali se realisou em 7 de janeiro, presidiu o sr. Rodrigo Pequito, sendo o relatorio anual lido pelo prior da freguezia rev. Santos Farinha, falando, a enaltecer a obra dos dispensarios, os ilustres clinicos os srs. drs. D. Tomaz de Mello Breyner e Correia Dias.

As seis mães premiadas pelo dispensario de Santa Izabel e a direção d'este estabelecimento (Clichés de Benoliel)

A nova séde dos sindicalistas. — O sindicalismo faz a sua carreira no mundo. A's velhas normas do parlamentarismo dos velhos socialistas opõe se agora uma mais pratica corrente. E' bem a formula um por todos e todos por um. Até aqui, n'um momento de crise d'uma classe, diante d'uma reclamação instante, só ela e por vezes alguma das suas congeneres, a apoiava; agora, levados pelo mesmo instinto de defeza, todas as outras se lhe juntam para as suas reclamações n'um largo e leal apoio.

Em França tem sido uma corrente realmente avassaladora, cujos resultados se marcaram sobretudo com a gréve dos eletricistas que fizeram as suas reclamações seguidamente por ocasião das recitas de gala na Opera, deixando a sala ás escuras emquanto não lhes concederam o salario exigido, erguendo-se n'esse momento, mais alto do que nunca, a popularidade de um dos seus vultos, a quem chamaram o rei Pataud, pela sua grande influencia n'esse movimento moderno das classes trabalhadoras.

Em Portugal essa corrente acentua-se, estando já a maioria das associações de classe sindicalisadas, tendo-se instalado na antiga residencia do marquez de Pombal, na rua do *Seculo*, que tem assim o singular destino de, depois de ser o abrigo do maior vulto do governo dos reis da casa de Bragança, tornar-se o palacio das aspirações operarias.

1—A nova séde dos sindicalistas, no palacio Pombal, na rua do Seculo

2—A cantina operaria na fabrica da polvora em Chelas (Clichés de Benoliel)

A Cantina Escolar da Fabrica da Polvora. — Foi inaugurada mais uma cantina escolar. A obra iniciada pelas juntas de paroquia frutifica e, dentro em pouco, rara será a corporação que não sustente uma escola com a respetiva cantina, onde as creanças terão o ensino e o pão.

Os operarios da fabrica de polvora de Chelas tambem levaram a cabo a sua utilissima idéa de ha muito, tendo assistido á inauguração da cantina o ministro da guerra do governo provisorio e diretor d'aquele estabelecimento fabril o coronel sr. Correia Barreto e o ministro do fomento.

3—O ministro do fomento, dr. Estevão de Vasconcelos, e o sr. Correia Barreto, na inauguração da cantina da fabrica de Chelas

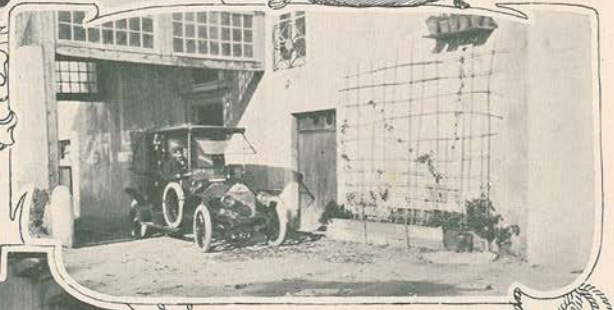
O PATRIARCA DE LISBOA DESTERRADO

O sr. patriarca de Lisboa com o sr. conde de Caria

1—As despedidas na gare do Rocio

O patriarca de Lisboa, D. Antonio Mendes Belo, aconselhara n'uma pastoral ao seu clero que não aceitasse as associações cultuaes e o ministro da justiça, segundo as determinações da lei da separação, condenou-o a dois anos de expulsão do distrito de Lisboa determinando tambem egual pena ao arcebispo da Guarda que se refugiara, depois d'ato identico, no distrito de Castelo Branco.

Entretanto o patriarca de Lisboa buscava refutar com os seus argumentos o castigo que lhe era imposto e na residencia de S. Vicente de Fóra, hoje pertença do estado, dava recéção ás pessoas das suas relações, a membros do clero e familias catolicas. Em determinado momento transformou-se esse ato de fé religiosa n'uma manifestação com vivas a Paiva Couceiro e a D. Manuel a que o povo respondeu invadindo a egreja aos gritos de viva a Republica, sendo protegidos pela Guarda Republicana os individuos que saíam do templo e entre os quaes havia funcionarios publicos, militares e juizes que, pelas suas relações pessoaes ou pelo seu catolicismo militante ali poderiam ter ido, sem o menor reparo desde que não houvesse a ultima manifestação de que o governo tomou conhecimento mandando interrogar aqueles empregados do estado ácerca das suas intenções ao concorrerem á recéção do patriarca que partiu para Gouveia.



2—O automovel aguardando o patriarca
3—O patriarca subindo para o automovel no palacio de S. Vicente de Fóra
(Cliches de Benoliel)

A Moda no Teatro

As atrizes de Paris modêlos de elegancia

1—Mademoiselle Gaby Roissy, do teatro dos Capucines
2—Mademoiselle Darthy, do Odeon. (Vestida pela casa Chernit)
3—Madame Simone, esposa divorciada de Le Bargy

O sr. Gomez Carrillo, reconhecendo quanto a ciencia dos trapos é mais complexa do que a superficiaes espiritos geralmente se afigura, advogou um dia a necessidade de se crear nas escolas d'arte uma cadeira de elegancia feminina. Ora é do seu livro, tão interessante, sobre a *Psicologia da Moda*, a seguinte pagina que me parece muito oportuno traduzir:

«—Uma cadeira de elegancias femininas!—exclama um pintor meu amigo.—Mas, meu caro, essa cadeira existe ha muito tempo! Não é um curso da Escola de Belas-Artes nem da Escola Normal. E' qualquer coisa de menos pesado, mas de egualmente douto: é o teatro!

«E, sem me dar tempo para uma observação, continua:

«—Em cada palco parisiense, com efeito, além da eterna lição moral ou imoral, existe um curso de estetica. Quando digo *além* engano-me. Na realidade o ensino das frivolidades suntuarias predomina sobre a lição de psicologia etica. Espectadores ha que não entendem uma patavina d'aquilo que os atores dizem. As belas frases sonoras apenas penetram nos seus ouvidos como um ruido incoerente. As atitudes expressivas que indicam os movimentos da alma, não os emocionam. Mas, em compensação, como eles se estasiam deante das belas *toiletes* femininas! Os vestuarios ocupam e preocupam. Mais que a beleza que—segundo Renan—é uma virtude, a elegancia entusiasma-nos. Ela é um dos sinaes da epoca moderna. Vénus, sem um vestido da *rue de la Paix*, não saberia seduzir-nos. Com o nosso diabolico orgulho, nós queremos corrigir a natureza e fazer, graças a sabios retoques, mais belo ainda o belo corpo da mulher. Mas quando eu digo belo, ofendo a verdade. A Beleza, como a Virtude e o Heroismo, é uma antiqualha que já se não usa. O que nós adoramos é qualquer coisa de menos grande e de menos raro, qualquer coisa que não é divina, qualquer coisa em que entram o artificio e o capricho, qualquer coisa que pode chamar-se graça, ou antes encanto, ou talvez somente lindeza; mas beleza não! A beleza, acredite-me, fez bancarrota.

«O meu amigo acrescenta:

—Na nossa epoca, em que se não fala senão de concursos

da beleza é—a darmos fé ao autor das *Semi-virgens*—a paixão do nivelamento, o odio aos privilegios. *Mas*—direis—*póde-se destruir a beleza como se revoga uma lei?* O mesmo escritor responde-nos: *Por um maravilhoso trabalho exercido no espirito, por cem artificios de penteados, de tinturas, de pinturas, de pomadas; pela deformação sistematica do tipo classico póde-se conseguil-o.* E isso é quasi verdadeiro. Repare no que hoje agrada; pergunte qual é a mulher mais admirada, mais desejada, mais lisongeada; note nas exposições quaes os retratos que conseguem os sucessos mais ruidosos; veja, emfim, quaes são nos teatros as atrizes mais aplaudidas, e, dentro em pouco, perceberá a transformação do gosto. A Elegancia venceu a Beleza. E, assim, os juizes parisienses, que provavelmente meteriam Phryné em Saint-Lazare, se Phrynè se apresentasse diante d'eles no esplendor da sua divindade natural, concedem prontamente a uma vulgar Liane de Pougy ou a uma Arlette Dorgère qualquer, tudo o que elas pedem, graças ao seu vestido, ao seu chapeu e ás suas joias.

1—Mademoisele Guett. do Odéon (chapéu da casa Lanthéric)

2—Madame Jane Hading na «Femme Nue», vestida pela casa Redfern
3—Mademoisele Guett. do Odéon, vestida pela casa Paquin

de *beleza*, em que todos os povos ciosamente se disputam o prestigio das suas mulheres, em que se erguem verdadeiros templos consagrados aos idolos vivos, em que toda a arte e toda a literatura são um hino á divindade feminina, parece uma loucura da parte dos filosofos proclamar a bancarrota da beleza. Loucura na aparencia; mas, no fundo, a autentica realidade. Esse mesmo universal desejo de coroar as mais lindas filhas d'Eva, parece um indicio do grande *krach* causado pela democracia. Porque a democracia é a grande culpada, a verdadeira culpada, a unica culpada. Tem as costas largas, a pobre democracia! Já Tocqueville a tinha acusado de entristecer os homens. E eis que se descobre agora, ainda por cima, que ela enfeece as mulheres!... A primeira causa do *krach*

«O que me diz o meu amigo pintor está bem longe de ser um paradoxo. No teatro, como em todos os sitios em que as mais admiraveis mulheres se oferecem á admiração do publico, o que mais interessa é a *toilette*. E, se não se lhe póde chamar uma cadeira, a cena é pelo menos uma escola pratica de elegancias. Os cronistas, que outr'ora falavam do talento das atrizes, não se ocupam hoje senão dos seus vestidos. Assim, eu não pude, n'estes ultimos tempos assistir a nenhuma *première*, ignoro os progressos que teem feito as interpretes das comedias. Mas, em compensação conheço todos os pormenores dos vestidos que cada uma d'elas trazia; sei que na Comedie-Française, mademoiselle X... estava vestida com *un amour de robe de velours miroir, couleur feuille sèche;* e sei que, no Thèatre An-

toine, a saia de mademoiselle J... era de setim branco, ondulante, coberta de musselina de seda, com ornatos Liberty côr de tijolo; e sei que, no Vaudeville, mademoiselle R... estava sedutora n'um vestido de *tulle rose mourante*, com mangas de rendas de prata e grandes folhos bordados caindo até aos tornoselos; e sei, que nas Variétés, madame Y... hontem ainda cantora de café concerto, hoje comediante, aparecia em *toilette* de musselina transparente sobre fundo côr de rosa Bengala, guarnecido com folhos de valencianas e nós de margaridas naturaes; e sei, finalmente, que, no Gymnase, madame L... se apresenta com um chapeu *cloche*, coberto de veludo azul e guarnecido com fitas doiradas que caiem até á cintura. Agora se os senhores me disserem que tudo isso tem uma importancia bem menor que as obras representadas, responder-lhes-ei, como o meu amigo, que estão em erro! Sada Yacco, ela mesma, que veiu a Paris para estudar o teatro francez, confessa que a *toilette* feminina, foi a coisa que a interessou acima de tudo. *Essas mulheres*—diz ela—*são como as fadas. Graças a elas a moda jámais cae no ridiculo, porque elas sabem tornal-a adoravel sempre. Grandes ou minusculos chapeus, postos muito á direita, muito á esquerda, ou muito sobre a nuca, ou muito sobre os olhos; vestidos todos simples ou deveras complicados; mangas extraordinariamente largas ou singularmente justas, tudo n'elas é gracioso, converte-se em modelo de elegancia universal e preocupa ao mesmo ponto a princeza alemã e a burgueza hespanhola.*

1—Mademoiselle Praince, do teatro das Variétés

2—Mademoiselle Dalnys, do teatro Athenée

Mademoiselle Lavaillière, das Variétés, na peça «Favorites»

Mademoiselle Sorel, da «Comédie»

Com efeito, essas *toilettes* que, nas noites de *première*, encantam os revististas e fazem perder o sono aos costureiros, essas *toilettes* um bocadinho caprichosas, mas d'um gosto perfeito e de uma impecavel harmonia, são os modelos que adota, sem hesitação nem murmurio, — militarmente — o universo feminino.»

♣

Ia a traduzir uma pagina... e traduzi um capitulo inteiro! Mas debalde eu tentaria dizer melhor essa influencia da moda no teatro e essa outra, mais importante ainda, das *toilettes* das atrizes sobre o publico. No teatro, como, de resto, cá fóra, a beleza classica que as abobadas do Louvre protegem no marmore das obras-primas da velha estatuaria, perdeu a importancia d'outr'ora. O espectador encanta-se com a elegancia; a formosura é um complemento que se compõe menos mal com os infinitos recursos do *maquillage* contemporaneo..

1—Mademoisele Marnas, do teatro Apolo, vestida pela casa Drecoll

Eu conheci, não ha muito, aqui em Paris, uma atrizita de vinte anos, que fazia papeis de pouco relevo n'um dos teatriculos de luxo dos *boulevards*. Não era bonita: um focinhito bizarro, aberto n'uma boca demasiado grande, uns exiguos cabelos arruivados e uns olhos verde-mar sem vicio e sem doçura. Mas a sua figurita era gentil, quando deslisava no passo miudinho que era d'antes o privilegio das *geishas* do Extremo-Oriente e que a saia travada ensinou ás europeas... de Paris, E, a par d'isso, as suas *toilettes* eram sempre perfeitas de gosto, de qualidade e de elegancia.

—Não sou bonita, eu sei—dizia ela sem pena.—Mas isso não me impedirá de triunfar. De todas as minhas amigas as que teem feito carreira não são as mais bonitas: são as mais *chics*. Hoje o que tem valor é isso...

Não falou de talento, que eu de resto não sei se ela tinha, porque, não a tendo jámais visto no palco, apenas uma vez, caminho de Montmartre, n'uma noite de estrelas, lhe ouvi recitar, como uma colegialeta aplicada, o seu *morceau de concours* do Conservatorio que tinha sido o *Passant*, de Coppée.

Ser *chic*—eis a questão. No teatro ha ainda, por vezes, além da preocupação da elegancia, essa outra, mais ruinosa ainda e mais dificil, de ser original. Ha fantasias que não teem preço e só se realizam porque uma mulher as levou á categoria d'um capricho—e o impossivel não existe n'um capricho de mulher. Conta ainda o sr. Gomez-Carrillo que um dia, ouvindo lêr a passagem em que Flaubert pinta a Salambôo vestida d'um estofo desconhecido, Sarah Bernhardt exclamou:

2—Madame Anna Held
3—Madame Frappa
4—Mademoisele Marich

—Quero um egual!

«E teve-o—diz o nosso autor.—Teve-o ao fim de algumas semanas. Ela mesma o

zer que a *toilette* é muito justamente um elemento indispensavel para o exito d'uma atriz. O palco é, de facto, uma imagem ampliada da vida — ampliada é claro, no sentido de que os caracteres têm de ser apresentados de modo que, em breves instantes, a nossa vista e a nossa intuição os apercebam. E Baudelaire, o grande Baudelaire, que em materia de modas oficiava de pontifical, tinha bem razão quando dizia:

«Que poeta ousaria, na

1 — Mademoiselle Rolly, do teatro Variétés vestida pela casa Paquin

2—Mademoiselle Hemwler, da Opera, vestida pela casa Redfern

3—Madame Faber, da «Comedie Française», vestida pela casa Paquin

4—Mademoiselle Provost, da «Comedie Française», vestida pela casa Chamit

imaginou; E sabem como? Teve a ideia de macerar ás marteladas uma peça de veludo de Veneza côr de rosa aureolal, submetendo-a depois a fumigações de enxofre e d'açafrão para lhe dar uma *nuance* nunca vista. E, em cima, um desenhador traçou arabescos de flôres de sonho, animaes heraldicos, e espalhou sombras com um vaporizador especial.»

De resto, não será exagero dizer que a pintura do prazer causado pela aparição d'uma beleza, separar a mulher do seu vestuario? Qual o homem que na rua, no teatro, no *Bois*, jamais sentiu o mais desinteressado prazer vendo uma *toilette* sabiamente composta e d'ela não conservou uma imagem inseparavel da beleza da pessoa que a vestia fazendo assim da mulher e do vestido uma totalidade indivisivel?»

No *Bois?* Sem duvida. Nos *boulevards?* Tambem. Mas, com mais razão ainda no Vaudeville, no Réjane, no Porte Sain-Martin, ou no Français. .

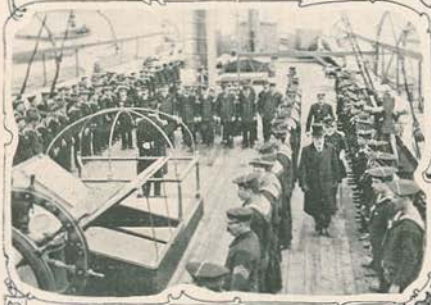
Paris, dezembro de 1912.

RUY DE CHAVES.

A VISITA DO Sr. MINISTRO DA MARINHA AOS VASOS DE GUERRA FUNDEADOS NO TEJO

O ministro da marinha visitou em 30 de dezembro os navios de guerra surtos no Tejo e que eram *Vasco da Gama, Adamastor, Almirante Reis, D. Fernando, Lidador* e *Berrio* discursando em todos eles, perante a oficialidade e marinheiros, a assegurar a sua boa impressão e a prometer levantar a marinha portugueza ao nivel a que tem direito e é necessario para assegurar a defeza do nosso dominio colonial.

2—O sr. ministro da Marinha descendo com o major general da armada a escada do *Vasco da Gama*



3—A revista á guarnição
4—O ministro passando revista á guarnição da fragata *D. Fernando*
5—O sr. dr. Celestino d'Almeida falando á tripulação de um dos navios
(Clichés de Benoliel)